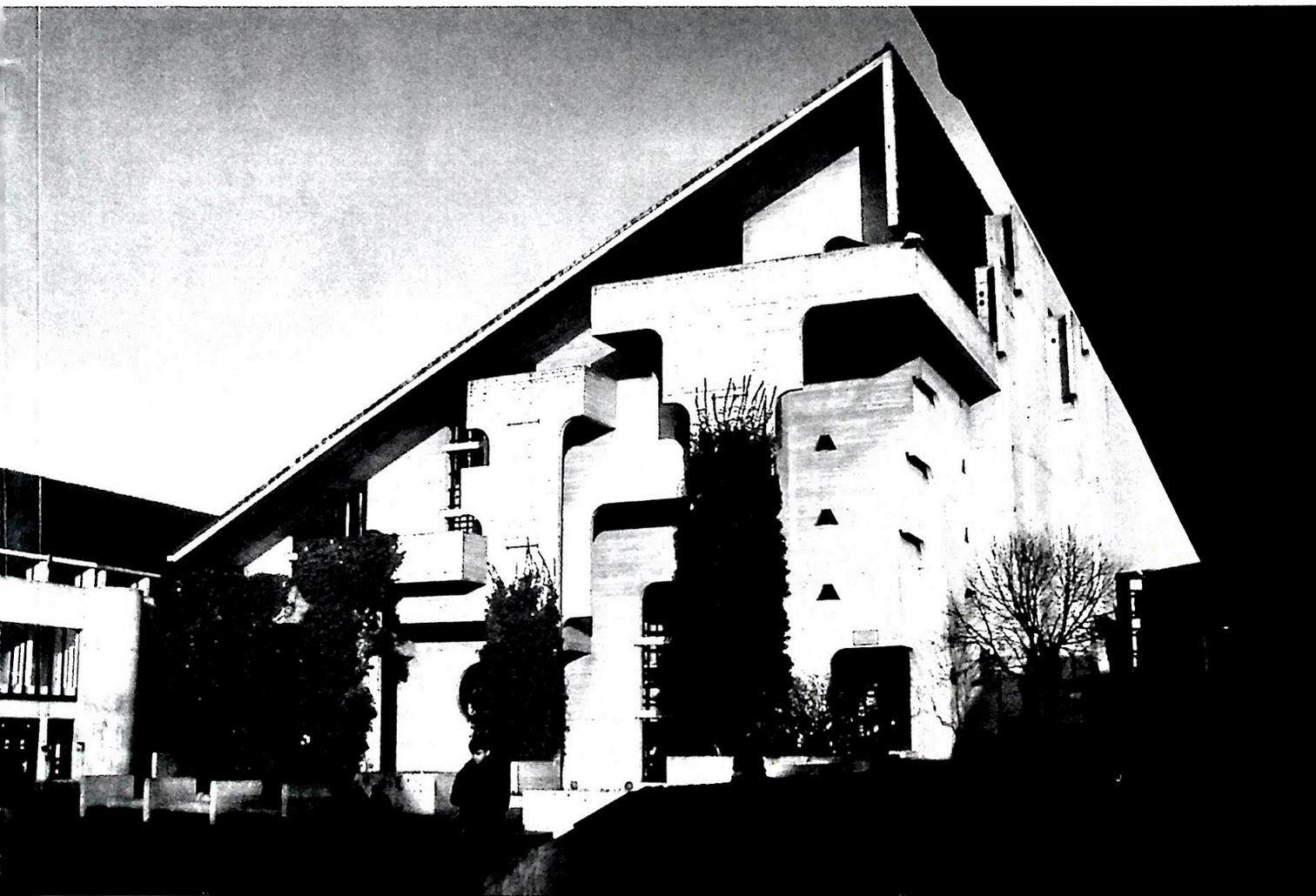


Revista Arquitectura Lusíada

2

Daciano da Costa: um caso de estudo sobre a importância
do ensino de desenho em Arquitectura e em Design
Ana Moreira da Silva



Universidade Lusíada Editora
Lisboa 2011

Sobre o carácter operativo do Desenho na metodologia projectual, Donald Schön refere que se deve "*desenhar e desenhar*" para descobrir as consequências das várias possibilidades de conjugação das coordenadas em jogo, como experimentação, como imagem geradora do projecto. [2]

Segundo Daciano, a Arquitectura e o Design têm em comum o "*acto do projecto*" como modo de resolver problemas da materialidade do ambiente humano, sendo o "*acto do projecto*" a passagem de uma ideia para a realidade física. [3]

Sendo tanto a Arquitectura como o Design indissociáveis do projecto, da conceptualização e metodologia projectual, o Desenho assume-se como suporte operativo indispensável a essa actividade.

Numa directa ligação com este raciocínio, Francisco Providência, no texto com o sugestivo título "*desejo desenho designio*", escreve: "*A nosso ver, o design é a manifestação do desenho, fruto do desejo que persegue um designio.*" [4]

O Design materializa através do Desenho a intenção de imaginar, conceber e ajudar a realizar soluções para problemas concretos, que podem ser de natureza muito diversa.

Ezio Manzini na sua obra *A Matéria da Invenção* [5] refere-se à questão entre o "*pensável*" e o "*possível*", que está sempre subjacente ao processo de Design, considerando-a nem simples nem linear, tal como Bryan Lawson, que caracteriza tal processo como "*altamente complexo e sofisticado*". [6]

"*O designer é mais do que um criativo, que opera a polinização cruzada de ideias de uma área para outra, mais do que um profissional treinado para coordenar as palavras, as mãos e a imaginação visual e com capacidades de visualização e que sabe enformar os aspectos comunicativos do produto. É um fabricante de ideias e de respostas a perguntas por formular, devidamente articuladas com a complexidade e as contradições profundas contextuais (nos domínios das tecnologias, das questões culturais, dos estrangimentos financeiros, sociais...).*" [7] Esta afirmação de Paulo Maldonado reforça a complexidade intrínseca a todo o processo conceptual em Design.

Também no processo conceptual em Arquitectura esta complexidade está sempre presente, como constata Donald Schön [2] no estudo que desenvolveu sobre a prática do projecto, seu ensino e aprendizagem.

Esta complexidade, inerente à passagem da ideia para a sua concretização, está relacionada com o próprio âmbito do projectar onde entram em jogo um conjunto de factores, tais como a capacidade de compreender o contexto e imaginar as soluções, a capacidade de conhecer e tirar partido dos processos e dos materiais enquanto meios ou veículos através dos quais se materializa a solução, a capacidade de transformar ideias em formas adequadas, tendo em atenção os limites e as possibilidades materiais.

A metodologia que Daciano criou enfatizava estes aspectos, levando os alunos a uma compreensão da realidade que os rodeia, através de diferentes tipos de registo em escalas distintas, tirando partido da materialidade dos objectos, das texturas, das estruturas, tendo a cor subjacente a todo o processo. Deste modo conduzia o aluno ao incorporar dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo de observação e registo compreensivo, sempre controlado, na futura transposição para o acto da criação, do projectar.

Em todo o complexo processo que vai do imaginar algo, a fase de ideação, até à sua concretização final, dispomos do Desenho como suporte operativo para desenvolver a ideia em construção.

Para Daciano da Costa, o Desenho era a inegável raiz comum ao longo de todo o processo criativo durante as múltiplas etapas de desenvolvimento do projecto.

A procura de soluções, mesmo para problemas simples, implica que se estude em pormenor cada fase do processo através do Desenho, para a obtenção do resultado que se pretenda atingir. A complexidade dos desenhos necessários vai surgindo à medida que nos aproximamos das soluções ideais ou possíveis.

A capacidade de tornar visível o desenrolar do processo mental é assumida pelo Desenho tanto em Arquitectura como em Design.

Para Bruno Munari "*Ao longo do processo projectual o designer utiliza vários tipos de desenhos, desde o simples esboço para fixar um pensamento útil ao projecto, aos desenhos construtivos, às perspectivas, às axonometrias, ao desenho explodido.*" [8]

Mais recentemente, Bryan Lawson considera que a prática dos designers continua profundamente associada aos desenhos e afirma que o Desenho desempenha um importante papel no processo do Design. [9]

Por seu lado, Alberto Carneiro [10] salienta a importância do acto de Desenho nos sucessivos momentos do projecto de Arquitectura e que devemos considerar o Desenho como *caminho de projecto*, sejam grafismos abstractos, marcações simbólicas, pensamentos expostos ou deambulações gráficas, todos eles são valiosos e enriquecedores no multifacetado processo da criação.

Durante a fase de concepção não deveremos negligenciar a importância de um risco, de um traço, de um rabisco, de um esboço. Todos poderão contribuir para o desenvolvimento da ideia.

Além disso Alberto Carneiro [10] sublinha a importância da intencionalidade e da eficácia conceptiva do Desenho no processo de desenvolvimento do projecto, assim como as potencialidades específicas do Desenho para inventar, otimizar e objectivar o projecto.

O fenómeno do acto de desenhar permite que os raciocínios e pensamentos por nós desenvolvidos possam ser gradualmente traduzidos e decodificados através das linhas traçadas.

De certa forma debatemo-nos com as nossas próprias ideias no espaço do papel. Riscamos, traçamos, sobrepomos traços, configuramos, representamos, visualizamos, damos forma física ao nosso pensamento.

Há uma ligação directa entre o pensamento e a mão que executa o desenho.

A mão como extensão do cérebro, do raciocínio.

Já Leonardo da Vinci afirmava ser o Desenho "*coisa mental*" considerando-o assim um processo intelectual. [11]

Perante as dificuldades da projectação como capacidade para imaginar o que ainda não existe, o Desenho surge como o instrumento projectual que possibilita o tornar visível a ideia.

"O Desenho, em Arquitectura, tem a qualidade de tornar visível todo o processo mental subjacente à criatividade arquitectónica, desde os primeiros esboços divagantes de uma ideia indecisa ou diagramas programáticos, até à aparência final de todo o objecto a construir." [12]

Edward Robbins [13] ao referir-se à entrevista que fez a Siza Vieira no seu livro *Why Architects Draw* conclui que para Siza o Desenho é simultaneamente o instrumento com o qual se persegue a procura de uma solução e o meio através do qual se comunica e conforma essa mesma procura.

Segundo Joaquim Vieira, *“O desenho como concepção e como projecto é um meio para a acção. Quer isto dizer que o desenho se coloca entre o autor, a concepção e a realização concreta que se corporiza noutros materiais e espaços que não são os do desenho. O desenho não é assim um fim em si mesmo. (...) Cumprido ao desenho, ao produzir imagens que remetem para ideias ou imagens que precedem de imagens, afirmar um projecto, qualificar uma concepção, definir uma poética. O desenho é, assim, uma disciplina estrutural e instrumental para a projectação.”* [14]

Representar através do Desenho significa, então, tornar visível a intenção do projecto.

O Desenho consolida o processo operativo em Design e em Arquitectura, ambas disciplinas do projecto.

“O Desenho não desempenha o papel de um meio de registo passivo, mas sim o de participante activo na formulação do projecto.” [15]

O Desenho não deve ser reconhecido apenas como meio de registo ou de formação do olhar, é também meio de invenção, intervém no processo de concepção e de comunicação das ideias.

Na prática do Desenho não podemos, portanto, considerá-lo apenas como um modo para transferir dados e conhecimentos, mas, fundamentalmente, como um procedimento dialéctico para orientar estratégias de averiguação e para promover a ideação através da dimensão crítica que incorpora no processo conceptual.

Segundo João Paulo Martins: *“Outra constante em Daciano da Costa é a sua necessidade permanente de sistematizar, de fixar as regras do processo criativo em curso; de se sentir seguro pela existência de uma ordem profunda, pelo sentido de integração numa corrente racionalista que percorre a história da Arquitectura. Invariavelmente, o primeiro gesto de desenho é aquele que define o próprio processo. Uma vez analisadas as condicionantes, identificadas as relações de adequação com a realidade, estabelece uma estratégia de actuação.”* [1]

Estudar o Desenho, entendido como portador e intermediário da ideia e do projecto, significa aprofundar os seus valores para explorar os múltiplos significados contidos na linguagem gráfica geradora do projecto.

Nas palavras do arquitecto Vittorio Gregotti: *“O exercício do desenho, o uso do instrumento que serve para representar a coisa mantém-se como a única relação corporal do arquitecto com a dimensão física da matéria à qual ele deve dar forma: é a sua última ‘manualidade’ e ele deve defendê-la com obstinação.”* [16]

No ensino da Arquitectura em Portugal, as práticas introduzidas por Frederico George [17], e desenvolvidas mais tarde por Daciano da Costa, também reforçam a importância da manualidade no ensino de Desenho.

Segundo o arquitecto Manuel Tainha *“Todo o acto criativo consiste no processo de representação de uma ideia.”* [18]

Mais recentemente, Alberto Campo Baeza afirma: *“A Arquitectura é sempre a ideia construída.”* (...) *“Desenhar. Com o desenho como instrumento de transmissão. Com traços*

expressivos que transportam as ideias para o papel.” [19]

Em conclusão: as ideias tomam forma através do Desenho. A ideação gráfica estabelece a profunda e essencial relação entre o Desenho e o Projecto.

A importância do Desenho reveste-se, assim, de um amplo sentido, conferindo ao acto de desenhar a capacidade de se constituir como meio de múltiplos recursos para o ensino e para a prática da Arquitectura e do Design.

Num anterior projecto de investigação [20] que desenvolvemos no âmbito desta temática chegamos à conclusão de que o Desenho cumpre os mais variados objectivos: como forma de comunicar, como meio de descoberta, como processo de interiorização, como método gráfico de estudo, como processo de observação e registo, como instrumento de investigação, como meio privilegiado de comunicação das ideias e como elo no processo mental e criativo.

Além de constatarmos a permanência da importância conferida ao Desenho por Daciano da Costa, concluímos também sobre a sua multiplicidade e vitalidade como fundamento do processo conceptual subjacente à prática da Arquitectura e do Design.

A importância do Desenho reveste-se, assim, de um amplo sentido, conferindo ao acto de desenhar a capacidade de se constituir como meio de múltiplos recursos para o ensino e para a prática da Arquitectura e do Design.

No discurso que Daciano proferiu na Abertura do Congresso Internacional da Icoграда 95, intitulado “*A nossa pátria é o nosso desenho*”, referiu as suas preocupações com um ensino visando o futuro, tendo em conta as questões e os desafios inerentes à mudança. Preconizou o desenvolvimento de um conjunto de directivas para os programas dos cursos, salvaguardando as grandes áreas culturais, numa adaptação do ensino e da aprendizagem às novas realidades. Alertou também para que “*à intelectualização do ensino pode corresponder a perda da cultura da mão e, conseqüentemente, a perda da clareza de espírito*” numa alusão directa à manualidade do Desenho e à sua importância. [21]

No futuro, o ensino, tanto em Arquitectura como em Design, terá de passar por um enquadramento sistemático do Desenho com a finalidade de salientar e analisar a maleabilidade com que este se adapta a variadas finalidades, cumprindo com eficácia um amplo leque de intenções, numa constante e vital adaptação às contínuas alterações introduzidas no ensino e na prática do aluno e do designer, face às novas técnicas e tecnologias.

Defendendo uma constante aprendizagem e uma permanente adequação aos novos paradigmas Daciano afirmava: “*Duma formação escolar apenas se pode esperar que nos ensinam a aprender e que todos teremos de voltar atrás, a novas especializações, à vista de novas tarefas que o desenvolvimento tecnológico e a evolução social farão surgir.*” [3]

Não nos podemos esquecer que o futuro do ensino tem de enquadrar-se necessariamente nas novas realidades, nomeadamente, tendo em conta a relevância que as recentes tecnologias informáticas assumem no processo de projecto.

Já no início dos anos 90, Daciano tinha consciência da importância crescente das ferramentas informáticas como apoio à prática do designer. Na sua comunicação nas III Jornadas do Design, declarava que “*a Informática (sistemas C.A.D.) permite esgotar as alternativas e acelerar o processo de decisão na actividade projectual*”, mas, mais à frente, nessa mesma comunicação, acrescentava “*... a modernização das técnicas de representação e de comunicação, dentro da Cultura do Desenho, sem perda da manualidade.*” [3]

É um facto que as novas tecnologias da informação oferecem novos meios tanto ao arquitecto como ao designer, permitindo economia de tempo e facilitando muitas das tarefas da prática quotidiana, tornando-se mesmo indispensáveis em muitas fases do trabalho. Apesar de tudo, não substituem o desenho manual, que se continua a assumir como 'camaleónico' ao longo das várias épocas históricas, numa constante adaptação ao seu tempo. Deste modo, continua a verificar-se que o exercício da manualidade no ensino de Desenho é fundamental na fase de formação de futuros arquitectos e designers.

Daciano da Costa, como docente, desenvolveu uma metodologia própria de ensino de Desenho de onde podemos colher alguns ensinamentos para o futuro.

Apesar da alteração de paradigma imposta pela mudança dos tempos e face ao exposto, pensamos que o ensino do Desenho deve permanecer indissociável da formação dos futuros arquitectos e designers ao assumir-se como suporte operativo indispensável à actividade projectual que continua a constituir a base da Arquitectura e do Design.

No sentido de validar este pressuposto estamos a desenvolver uma investigação que, consolidada e inspirada no caso de estudo de Daciano da Costa, poderá constituir um contributo para o entendimento da permanência da importância do ensino de Desenho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] *Daciano da Costa Designer*, Catálogo da Exposição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001. pp 23-24, 29 e 85.
- [2] SCHÖN, Donald, *Educating the Reflective Practitioner, Toward a New Design for Teaching and Learning in the Professions*, Jossey-Bass Inc. Publishers, San Francisco USA, 1998. pp 82 e 43.
- [3] COSTA, Daciano, *Design e Mal-Estar*, Centro Português de Design, Lisboa, 1998. pp 82, 42, 39, e 41.
- [4] Anuário do Centro Português de Design, *Design é Tudo*, Centro Português de Design, Lisboa, 1999. p 13.
- [5] MANZINI, Ezio, *A Matéria da Invenção*, CPD, Lisboa, 1993. (introdução).
- [6] LAWSON, Bryan, *How Designers Think – The Designers Process Demystified*, Elsevier Architectural Press, Oxford, 1995. p 6.
- [7] MALDONADO, Paulo, *Design: Uma Visão Estratégica*, Dissertação de Mestrado em Design, Faculdade de Arquitectura da UP, Porto, 1997. p 11.
- [8] MUNARI, Bruno, *Das Coisas Nascem Coisas*, Edições 70, Lisboa, 1993. p. 67.
- [9] LAWSON, Bryan, *What Designers Know*, Elsevier Architectural Press, Oxford, 2004. pp. 31 e 32.
- [10] *Desenho Projecto de Desenho*, Catálogo da Exposição, Ministério da Cultura, Instituto de Arte Contemporânea, 2002, pp. 31 e 37.
- [11] UNALI, Maurizio, *Il Disegno di Progetto*, Gangemi Editore, Roma, 1993, p. 112.
- [12] RODRIGUES, Ana L. Madeira, *Ensaio nas Margens do Futuro*, Editorial Estampa, Lisboa, 2007, p. 85.
- [13] ROBBINS, Edward, *Why Architects Draw*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1997, p. 157.
- [14] VIEIRA, Joaquim, *O Desenho e o Projecto são o Mesmo? Outros Textos de Desenho*, FAUP Publicações, Porto, 1995, pp. 94-96.
- [15] SPENCER, Jorge, *Aspectos Heurísticos do Desenho de Estudo no Processo de Concepção em Arquitectura*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, 2000, p. 6.
- [16] GREGOTTI, Vittorio, *Il Territorio dell'Architettura*, ed. Feltrinelli, Milano, 1966, p. 27.
- [17] GEORGE, Frederico, *Considerações sobre o Ensino da Arquitectura*, Editorial Minerva, Lisboa, 1964.